

PODERES E UTILIZAÇÕES DAS IMAGENS RELIGIOSAS NA AMÉRICA COLONIAL: O CASO DO JESUÍTA ANTÔNIO SEPP

MARIA CRISTINA C. L. PEREIRA *

Um problema bastante conhecido dos historiadores da arte sacra colonial no Brasil concerne ao caráter limitado das fontes escritas. Ainda que a documentação seja um pouco mais abundante no que diz respeito a questões práticas, como encomendas e recibos de pagamento¹, no que tange a textos teóricos a atenção é constante. Não há paralelo algum com a profundidade dos discursos sobre arte na Península Ibérica do Século da Ouro, por exemplo. No entanto, através da análise de uma documentação de tipo bastante variado, formada basicamente por textos de autores eclesásticos, pode-se apreender muito sobre a maneira como as imagens cristãs eram consideradas na cultura colonial. Esse é o caso das conhecidas obras do padre jesuíta Antônio Sepp que relatam sua viagem da Europa à América e a experiência nas reduções ao Sul do continente, na virada do século XVII ao XVIII: "Viagem às Missões Jesuíticas" e "Trabalhos Apostólicos"².

Natural do Tirol, tendo ingressado na Companhia de Jesus aos 19 anos, em 1674, Antônio Sepp embarcou para a América do Sul 17 anos depois. Inicialmente, estabeleceu-se na redução de Japeyú, na atual Argentina, tendo passado em seguida por várias outras: Nossa Senhora da Fé e Santo Inácio, no atual Paraguai, e São Miguel, atualmente no Rio Grande do Sul. Em 1698, ele fundou uma nova redução, a de João Batista, também no atual Rio Grande do Sul, que passou a dirigir.

Tendo recebido formação musical em Viena, o missionário deu grande destaque a esta arte, ocupando-se de sua transmissão a negros e índios. Já desde a travessia Cádiz-Buenos Aires³. Sob suas ordens, pinturas foram copiadas pelos indígenas e instrumentos foram por eles fabricados. Em várias ocasiões, em seus escritos, ele enfatiza o talento especial dos indígenas para a cópia e para os "serviços mecânicos" - aí incluída a música. No último capítulo de seus Trabalhos Apostólicos, redigidos por volta de 1700 e publicados em 1710⁴, ele mais uma vez justifica a importância da música para o trabalho missionário, ao preparar o espírito dos futuros convertidos

(...) as ainda houver quem considere a estas coisas inaptas para especulações metafísicas, reconheça ao menos neles um uso prático para serviços mecânicos e, sobretudo, uma propensão rara para a música. Esta última os torna sobremaneira dóceis. Deste modo, criaturas tolas que são e incapazes de compreender as coisas do espírito, entram-lhes-ão pelo ouvido as verdades fundamentais da fé católica⁵.

Mes além da música, o padre contava com outro meio poderoso para a transposição dos ideais cristãos europeus para o novo Mundo - ainda que isso não estivesse explicitado da mesma forma em seus escritos. Trata-se das imagens. E, particularmente, de uma imagem proveniente de sua região natal, uma cópia "feita por um rude artesão" da Virgem de Alt-Öeltingen.

Essa cópia mostrava-se particularmente eficaz nos primeiros anos de sua missão, a começar pela própria travessia do Atlântico. Ela havia sido, ao mesmo tempo, ferramenta para

* Doutora em História
GPCPPGA - UFES
maria cristina.pereira@yahoo.com

¹ Ver, por exemplo, o caso de Mestre Naldo a respeito do qual a historiografia montou uma ampla documentação. In: FORTI de MEENZES. Manuel da Costa Almeida. São Horizonte. Arquitetura, 1985.

² Fr. Antônio SEPP. Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos. São Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1960.

³ Apesar da existência inicial dos jesuítas em relação à música, ela pouco a pouco passou a ser incorporada como uma "necessidade apostólica". T. FRANK. JERNSTEDT. "Los jesuitas y la música". In: Giovanni SALE (dir). L'art des jésuites. Paris: Mengès, 2005, p. 227-306, p. 229.

⁴ Wolfgang Hoffmann HARNISCH, "Introdução". In: Fr. Antônio SEPP. Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos. Op. cit., p. 17-62, p. 47.

⁵ Fr. Antônio SEPP. Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos. Op. cit., p. 247.

⁶ Id., p. 191.

conversão, objeto de devoção e vetor de realização de milagres. Suas diferentes utilizações pressupunham diferentes funções, variando segundo o contexto e os espectadores envolvidos. É importante observar que esses três aspectos mostram-se intimamente enredados, como em uma teia. Muitas vezes o milagre causa a conversão – ou, podemos dizer, a conversão é o próprio milagre. Após a conversão, segue-se a devoção. E desta pode advir novamente um milagre.

Assim, o jesuíta atribui à imagem de sua devoção vários milagres ocorridos durante a travessia, dos quais ele descreve apenas a cura de um escravo moribundo⁷. Contudo, ele não dá conta de creditar também a ela a segurança na viagem. Quando avistou a terra americana pela primeira vez, nas costas brasileiras, ele, desta forma, descreve sua reação: "Ajoelhei-me diante da misericordiosa Mãe de Alt-Öettingen, beijei a santa imagem e, em alegria e gratidão, chorando, dei largas ao meu coração"⁸.

É importante observar que o fato de se tratar de uma cópia em nada diminuía a eficácia da imagem. Vemos aí, na prática, demonstrada a doutrina cristã do papel de intermediação das imagens de culto entre o fiel e o protótipo. Mesmo sendo uma cópia, ela continuava a ser tratada como "santa".

O fragmento citado mostra também a atitude de devoção pessoal do fiel – seja ele um religioso ou não – face à imagem de culto, uma atitude que envolve uma série de gestos, e mesmo contato físico, pois esse tipo de imagem é antes de tudo uma *imagem-objeto*⁹. Mas ainda: ela possui não somente materialidade, mas também corporalidade¹⁰. Ao gesto de respeito – o ajoelhar-se – soma-se o gesto de afeição, o beijar a imagem. E, chorando tudo, as lágrimas, expressão privilegiada de compunção desde o Medievo. Esses gestos, codificados, eram o tipo de comportamento esperado face às imagens. Encontramos alguns exemplos bastante claros na narrativa de Sepp: em certa ocasião, após pregar aos doentes na parte baixa do navio, o jesuíta deu-lhes para beijar a sua imagem da Virgem de Alt-Öettingen¹¹. Em outra passagem, ele conta como a levou a um escravo moribundo, que a estreitou contra o peito e beijou – em uma prática que era incentivada desde a conversão:

Depois da caia, dei instrução às mulheres dos negros, que também eram pretas, ensinado-lhes a doutrina cristã, pontual-lhes exemplos e lhes mostrei Nossa Senhora de Alt-Öettingen, para a qual tomavam particular devoção. Beijavam e veneravam a imagem, como aquele negro doente acima citado¹².

Nesta passagem, em que vemos uma prática devocional recém-inculcada nos novos fiéis, percebemos também a insistência em um determinado elemento: a cor destes. Trata-se, de fato, de um elemento-chave para a utilização dessa imagem como vetor de conversão de populações negras por Sepp: a escultura da Virgem bávara, datada de fim do século XIII ou início do século XIV, encontrava-se coberta de sujidades, enegrecida, sendo reconhecida, portanto, como uma "Virgem negra". Sepp demonstra haver considerado cuidadosamente essa possibilidade de utilização da imagem, já que ele havia confeccionado em Sevilha "centenas" de reproduções suas. Assim, na sequência da citação anterior temos:

Cada uma dessas mulheres, pretas como carvão, queria uma imagem para si. Para satisfazê-las, dei-lhes outras, pequenas reproduções, que o Pe. Böhm e eu havíamos feito de argila, às centenas, quando estávamos em Sevilha e Cádiz. As mulheres veneravam essas imagens mais do que ouro e prata, porque até aí nunca haviam visto

⁷ Id., p. 80.

⁸ Id., p. 84.

⁹ Jérôme BASCHET, "Introduction: l'image-objet", in: Jean-Claude SCHMITT et Jérôme BASCHET, *L'image. Fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval*, Paris: Le Léopard d'Or, 1996, p. 7-26.

¹⁰ Ver, sobre esta questão, Jean-Claude SCHMITT, *Le corps des images*, Paris: Gallimard, 2008.

¹¹ Pe. Antônio SEPP, *Virgem da Misericórdia Jesuítas e Trabalhos Apóstólicos*, Os. cit., p. 15.

¹² Id., p. 18.

¹³ Id., p. 82.

*uma imagem de Nossa Senhora negro e semelhante a esta*¹⁴.

Esse processo de identificação entre o fiel recentemente convertido e a imagem, e que havia sido fator determinante para a realização da conversão, teria se verificado também em relação ao negro moribundo, citado mais acima:

*Quando então o pobre negro contemplou a imagem e notou que o rosto da Mãe de Deus e do Menino era preto e igual ao dele, oh, lá indiscutível a alegria e o conacão que lhe inundaram o rosto! Esteve, pois, cheio de máxima confiança que, ainda nos últimos instantes de sua vida, obtinha a intercessão misericórdias da Santa Mãe de Deus, como depois também se verificou*¹⁵.

Encontramos aí um ponto crucial na relação do fiel com as imagens: o princípio da imitação. Este se encontra na definição primitiva de imagem cristã, de acordo com o Gênesis: "Façamos o Homem à nossa imagem, como nossa semelhança"¹⁶. A similitude torna-se assim a peça chave para abrir uma via de acesso ao novo fiel, através do processo de identificação. É interessante observar, por exemplo, que uma das poucas qualidades que o jesuíta reconhece nos indígenas é sua habilidade em reproduzir, em imitar. Poderíamos dizer que isso, de certa forma, faz com que a evangelização desses povos seja viável. Porque ela torna possível a imitação dos modelos carnos: Cristo e os santos.

Mas, no caso desta imagem, seu poder de similitude só funcionaria completamente com os negros – e ainda mais com as negras. O público-alvo por excelência de Sepp, os indígenas americanos, que seriam encontrados em seu destino final, estariam excluídos. Eles nunca são descritos pelo jesuíta como sendo negros, embora vários documentos coloniais brasileiros façam referência aos indígenas como "negros da terra".

Ou seja, a similitude para ele não é buscada como fim último, embora pudesse em muito facilitar a tarefa de transmissão e assimilação da cultura e da religiosidade cristã pelos negros. De fato, percebemos que a polissemia das imagens, sua capacidade de adaptação a múltiplos destinatários, assim como suas diferentes utilizações, era o que em muito contribuía para sua eficácia nessa tarefa.

É difícil imaginar que todo o trabalho de confeccionar uma grande quantidade de cópias em argila – ainda que seu número tenha sido exagerado – seria destinado apenas aos escravos viajando no navio, não tão numerosas assim. Mais adiante em seus escritos, vemos aqueles que seriam provavelmente outros destinatários destas pequenas reproduções: padres da Companhia em Buenos Aires. A cor das imagens não é mais mencionada aqui. Elas são importantes agora, essencialmente, por serem imagens da Virgem – e, portanto, objetos de devoção.

Quanto à sua pouca qualidade, ela é descrita pela contenda de imagens na colônia, o que por sua vez é atribuído à falta de interesse dos comerciantes:

Aos outros Padres dei diversos pequenos presentes, objetos que na Europa se usam na instrução de infância, pequenas imagens de Nossa Senhora, feitas de argila e confeccionados em Savilha, e outras coisas mais. Tudo foi recebido com o máximo reconhecimento, como se fosse ouro e prata. Uma imagem, que por causa de sua péssima qualidade chamaríamos de 'draga', pode muito bem ser, com todas as honras, oferecida aqui a um Padre Real ou a um Provincial; ele por

¹⁴ Id., p. 88.

¹⁵ Op. cit., p. 26.

¹⁶ Fr. Antônio REPP, *Viagem de Nossos Jesuítas e Trabalhos Apostólicos*. Op. cit., p. 137.

isso não seria menos reconhecido por alguém na Europa, e quem se oferecesse a mais encantadora miniatura, isto só se explica pelo fato de aqui haver a indústria confundida desses objetos. Os negociantes da Espanha aqui não querem vender vendentes de estatuas e por isso não trazem nada disso para os nossos. E por cima de mais os quadros de cerquamento, moldes e rosários também não podem voar!¹⁶

Em certa, o funcionamento da imagem começa a mudar, ao mudar seu público. Por um lado, como vimos pelo exemplo acima, desdobrada em várias cópias, ela pode se tornar objeto de devoção pessoal dos jesuítas. Por outro lado, ela será utilizada na conversão e catequese dos indígenas. E não podemos deixar de perceber como – talvez antes de mesmo que quer criticar pela pouca qualidade das peças – ele próprio já começa introduzindo estas mais objetos para educação religiosa de crianças na Europa. Nessa passagem, Sepp deixa implícita a função principal das imagens, e costas em particular ensinar os indígenas, vistas como jóias como crianças.

Essa passagem é também interessante por deixar perceber, pela primeira vez nos textos, uma preocupação em ordem estética. Sepp tinha consciência de que o valor daquelas peças não se devia à sua aparência, ao rigor técnico empregado em sua confecção – e mesmo a seu teor de fidedignidade – mas sim por aquilo que representavam. Ou seja, tratava-se menos de uma questão de arte que uma questão de imagem.

Além de importantes por seu conteúdo iconográfico, aquelas pequenas imagens também vinham suprir uma grande demanda, colocando-se mesmo na contramão dos interesses comerciais, rompendo um bloqueio mercantil. Já que imagens não podem atravessar o Atlântico a nada, ele vai incentivar sua reprodução in situ. E ele menciona pelo menos duas boas feiras de sua escultura, já na América, por um indígena que tinha se saído “bastante bem”¹⁷. Por esse termo, podemos inferir que ele se reconhecia ao grau de fidedignidade das cópias – para ele o elemento de juízo estético mais importante. Em outra passagem, ele se refere, justamente à capacidade de alguns indígenas em copiar, utilizando um conhecido tipo argilano: “Fiz com que esculpisssem três pares de galhetas para uso das igrejas. Um índio esculpiu-as com tal perfeição artística, que as luvas, as espigas e as muitas flores dis-se-se viverem sobre o mineral. Inerte”¹⁸. Mas, porém, mais adiante, ele faz uma observação oposta, ao se referir à capacidade privativa da redução de São João Batista: “Orna as paredes da capela com algumas imagens, as quais, não pintadas pela mão engenhosa e habilidosa pincel de um Apéles, mas bosquejadas por uma rude mão-de-obra, traduzem mais uma certa pobreza devota que munda arte”¹⁹. Novamente aqui observamos a distinção, desta vez explícita, entre arte (confundida com mimesis) e imagem. E são as imagens que interessam a Sepp. As já mencionadas cópias mandadas fazer por ele imediatamente, entraram em ação, utilizadas por um outro jesuíta:

Entreguei as imagens ao Pe Antônio Böhm, para que as levasse em suas missões. Com elas alcançou tanto entre seus discípulos povos próprios, chamados os Yano, que expuseram publicamente uma das imagens, numa capelinha construída de palha e barro. Agora, doam os joelhos diante dela, rezem o sus-da-cruz, rezem o rosário com aquele nomeem zebao, doem silenciosamente diante dela a dourada orsis, e até as crianças não batizadas se achegam a ela para beijá-la²⁰.

Novamente, encontramos a mesma linguagem corporal recomendada face às imagens,

¹⁶ Id., p. 80.
¹⁷ Id., p. 242.
¹⁸ Id., p. 264.
¹⁹ Id., p. 93.

incluindo desde os gestos ritualísticos até de devoção e afecção. Além disso, a imagem em questão serve também de cenário para a instrução religiosa – talvez sendo usada como ilustração e como modelo a ser seguido.

Este exemplo, bastante revelador, mostra a utilização da imagem na conversão e na catequese dos indígenas, instaurando novas práticas religiosas. Sepp deixa mesmo entrever uma dimensão quase milagrosa nessa ação, prometendo entrar em mais detalhes na versão em alemão dos milagres realizados pela imagem da Virgem. Nas duas obras ora tratadas, ele se limita a alguns poucos exemplos, que ocupam todo um capítulo, intitulado “Nossa Senhora de Oettingen atravessa mares imensos, chega ao Paraguai e concede seus favores aos pobres índios”. Ele se refere, por exemplo, à extinção de uma peste na lavoura de trigo, obtida pela intercessão da imagem levada em procissão pelos campos, e também a milagres de cura de indígenas: um enfermeiro atingido pela peste e uma mãe e seus quatro filhos. No primeiro desses casos de cura, é interessante como o padre faz questão de frisar que foi o próprio enfermo quem leve a iniciativa de pedir-lhe que trouxesse a imagem. Ele mostraria, assim, a crença já bem enraizada na população indígena no poder da imagem, a confiança em seus milagres:

(...) Vendo que daí a alguns dias daria o último suspiro, mandou chamar-me: “Papa-to, padre, instantemente, traze-me aquela estátua milagrosa que nos trouxeste a nós, pobreszinhos, por tantos mares e terras; esta é a única âncora de esperança e confiança de minha vida”³².

Tendo a imagem nas mãos, seguiu-se a gestualidade costumeira: os beijos, as lágrimas, os suspiros e o pedido de auxílio feito com as mãos juntas. A graça é obtida rapidamente e, ao contrário, o índio levanta-se para louvar a Virgem³³.

O segundo relato é menos comum, e mostra um aspecto particular da devoção feminina. Em primeiro lugar, não é a enferma que tem a iniciativa do processo de cura. Ela segue a sugestão de Sepp de rezar e assistir a missas, mas ainda assim oferece um dom, de sua própria vontade: seu colar de pérolas falsas. E o jesuíta faz questão de chamar a atenção para o quão valioso foi o gesto, já que para os indígenas tais pérolas seriam mais valiosas que o próprio ouro.

Neste tesouro viroo possuía todo o furoto feminino da colida; com ele quis ao mesmo tempo dar à Beatíssima Virgem o seu coração, para que, rapidamente, onde estivesse o tesouro ela ficasse também o coração. Parece que agratou sumamente à Mãe Benigníssima este presentinho, e em troca lhe restituí a saúde tanto à mãe quanto aos quatro filhos, libertando-os da cruelíssima enfermidade”³⁴.

Reencontramos aqui novamente o processo de identificação entre o fiel e a imagem religiosa, só que não mais em relação à cor, e sim ao gênero. A fiel brinda a Virgem com o que para Sepp seria um emblema de sua feminilidade, seu tesouro, seu *cor*. É certo que o jesuíta coloca limites nessa identificação, sublinhando em seguida que a importância de tal presente era também de caráter simbólico, representando o coração da enferma. Mas o gesto não choca em nada o religioso. Por um lado, o dom feito às imagens e, por outro, a vontade de ornamentá-las, de honrá-las através da beleza de jóias eram comuns na religiosidade cristã desde os tempos medievais.

Essa preocupação era também do próprio Sepp, como fica demonstrado pela descrição do local destinado à sua cópia da Virgem no altar-mor da capela definitiva, na redução de São João

³² Id., p. 193.

³³ Id., p. 191. Trata-se de um exemplo ainda mais típico da atitude que os indígenas estavam desenvolvendo com a imagem, como se refere em outra passagem: “Minha imagem de Nossa Senhora de Oettingen já está sendo procurada e venerada em toda parte pelos índios selvagens”. Id., p. 91.

³⁴ Id., p. 181-182.

³⁵ Id., p. 192.

